

Projeto: Políticas Públicas para Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: desafios da implementação

Atualização do Levantamento da Produção Acadêmica sobre População Infantil e Adolescente em Situação de Rua no Brasil (2015-2020)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – MORAIS, Normanda Araújo de et al. Ética na pesquisa com crianças e adolescentes em situação de rua: considerações a partir da resolução n. 510/2016. SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo, São Paulo, v.18, n. 2, p. 27-42, 2017.

2) Resumo e Palavras-Chave – Esse artigo descreve dilemas éticos vivenciados em um estudo longitudinal sobre o impacto da rua na vida de crianças e adolescentes em situação de rua, dando especial relevo às contribuições trazidas pela Resolução n. 510/2016 na forma de lidar com cada uma dessas situações. Verificou-se que os desafios éticos na pesquisa com crianças e adolescentes em situação de rua são amplos e implicam a vinculação entre pesquisadores e participantes; a ênfase no bem-estar dos participantes; o papel protetivo da equipe de pesquisa; a necessidade de adequação metodológica dos estudos; a relativização do que é considerado típico a cada etapa desenvolvimental; e a segurança da equipe de pesquisa. Além disso, têm por base a crença na dignidade da criança/adolescente, a compreensão destes enquanto sujeitos de direitos e como atores sociais, protagonistas do processo de pesquisa.

Palavras-Chave: crianças; adolescentes; ética; direitos da criança; pesquisa.

3) Objetivo do estudo - Descrever dilemas éticos vivenciados em um estudo longitudinal sobre o impacto da rua na vida de crianças e adolescentes em situação de rua, dando especial relevo às contribuições trazidas pela Resolução n. 510/2016 na forma de lidar com cada uma dessas situações.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – 2012 a 2014.

6) Forma de coleta de dados - A referida investigação fundamentou-se na Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 1979/1996; Bronfenbrenner, 2005; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998) e para sua operacionalização utilizou-se a Inserção Ecológica (Ceconello & Koller, 2003; Koller, Morais & Paludo, 2016). O estudo longitudinal foi organizado em cinco etapas (treinamento das equipes; mapeamento das redes de atenção; inserção ecológica; aplicações dos instrumentos e acompanhamento dos participantes; e sistematização dos dados), sendo realizados três tempos de coleta de dados com seis meses de

intervalo entre elas. No Tempo 1, participaram 113 crianças e adolescentes com idades entre 9 e 18 anos das três cidades ($M = 14,2$; $DP = 2,41$), sendo 81% do sexo masculino. Os participantes foram recrutados em unidades de acolhimento institucional (82%), serviços abertos que oferecem atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua (14%), ou na rua (4%). No tempo 2, a retenção amostral foi de 71,7% ($n = 81$) e 62% em T3 ($n = 70$).

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – Para aprofundamento das análises longitudinais acerca do perfil dos participantes, ver Santana, Raffaelli, Morais e Koller (in press).

8) Resultados / dados produzidos – Os desafios são amplos e dizem respeito, sobretudo, a questões relacionadas à vinculação entre pesquisadores e participantes; à ênfase no bem-estar dos participantes; ao papel protetivo da equipe de pesquisa; à necessidade de adequação metodológica dos estudos com essa população; à relativização do que é considerado típico a cada etapa desenvolvimental; e, por fim, à segurança da equipe de pesquisa.

9) Recomendações – Nas situações retratadas, a partir dos nove fragmentos dos casos escolhidos, fica evidenciada a importância de uma postura crítica e reflexiva por parte dos pesquisadores, buscando sempre garantir a proteção integral dos participantes. Para atuar com essa população, faz-se necessário que as equipes de pesquisa desenvolvam uma postura radical de abertura e aceitação às diferenças, uma vez que as concepções tradicionais de infância, de risco, de proteção, de família, de rua, de drogas são, muitas vezes diametralmente opostas às aquelas apresentadas e vivenciadas pelos participantes. É preciso, portanto, um interesse genuíno pelos participantes e um respeito por suas escolhas e trajetórias de vida, sem desconsiderar o contexto de risco e os condicionantes estruturais dessas “escolhas”.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.